ECONSTOR
Make Your Publications Visible.

A Service of

ZBW Leibniz-Informationszentrum Wirtschaft
Leibniz Information Centre for Economics

Costa, Joana Simões; Barbosa, Ana Luiza Neves de Holanda; Hecksher, Marcos

Working Paper

Desigualdades no mercado de trabalho e pandemia da Covid-19

Texto para Discussão, No. 2684

Provided in Cooperation with:
Institute of Applied Economic Research (ipea), Brasília

Suggested Citation: Costa, Joana Simões; Barbosa, Ana Luiza Neves de Holanda; Hecksher, Marcos (2021) : Desigualdades no mercado de trabalho e pandemia da Covid-19, Texto para Discussão, No. 2684, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasília, https://doi.org/10.38116/td2684

This Version is available at:
https://hdl.handle.net/10419/243037

Standard-Nutzungsbedingungen:

Die Dokumente auf EconStor dürfen zu eigenen wissenschaftlichen Zwecken und zum Privatgebrauch gespeichert und kopiert werden.

Sie dürfen die Dokumente nicht für öffentliche oder kommerzielle Zwecke vervielfältigen, öffentlich ausstellen, öffentlich zugänglich machen, vertreiben oder anderweitig nutzen.

Sofern die Verfasser die Dokumente unter Open-Content-Lizenzen (insbesondere CC-Lizenzen) zur Verfügung gestellt haben sollten, gelten abweichend von diesen Nutzungsbedingungen die in der dort genannten Lizenz gewährten Nutzungsrechte.

Terms of use:

Documents in EconStor may be saved and copied for your personal and scholarly purposes.

You are not to copy documents for public or commercial purposes, to exhibit the documents publicly, to make them publicly available on the internet, or to distribute or otherwise use the documents in public.

If the documents have been made available under an Open Content Licence (especially Creative Commons Licences), you may exercise further usage rights as specified in the indicated licence.

WWW.ECONSTOR.EU

Mitglied der Leibniz-Gemeinschaft

TEXTO PARA DISCUSSÃO

2684

DESIGUALDADES NO MERCADO DE TRABALHO E PANDEMIA DA COVID-19

JOANA SIMÕES COSTA

ANA LUIZA NEVES DE HOLANDA BARBOSA

MARCOS HECKSHER

ipea

TEXTO PARA DISCUSSÃO

2684

Rio de Janeiro, agosto de 2021

DESIGUALDADES NO MERCADO DE TRABALHO E PANDEMIA DA COVID-19

JOANA SIMÕES COSTA[1]

ANA LUIZA NEVES DE HOLANDA BARBOSA[2]

MARCOS HECKSHER[3]

1. Técnica de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea. *E-mail*: <joana.costa@ipea.gov.br>.

2. Técnica de planejamento e pesquisa na Disoc/Ipea; e professora do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC) do Rio de Janeiro. *E-mail*: <ana.barbosa@ipea.gov.br>.

3. Assessor especializado na Disoc/Ipea.
E-mail: <marcos.hecksher@ipea.gov.br>.

Governo Federal

Ministério da Economia
Ministro Paulo Guedes

ipea **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**

Fundação pública vinculada ao Ministério da Economia, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente
CARLOS VON DOELLINGER

Diretor de Desenvolvimento Institucional
MANOEL RODRIGUES JUNIOR

Diretora de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia
FLÁVIA DE HOLANDA SCHMIDT

Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas
JOSÉ RONALDO DE CASTRO SOUZA JÚNIOR

Diretor de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais
NILO LUIZ SACCARO JÚNIOR

Diretor de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação e Infraestrutura
ANDRÉ TORTATO RAUEN

Diretora de Estudos e Políticas Sociais
LENITA MARIA TURCHI

Diretor de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais
IVAN TIAGO MACHADO OLIVEIRA

Assessor-chefe de Imprensa e Comunicação
ANDRÉ REIS DINIZ

OUVIDORIA: http://www.ipea.gov.br/ouvidoria
URL: http://www.ipea.gov.br

Texto para Discussão

Publicação seriada que divulga resultados de estudos e pesquisas em desenvolvimento pelo Ipea com o objetivo de fomentar o debate e oferecer subsídios à formulação e avaliação de políticas públicas.

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – **ipea** 2021

Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.- Brasília : Rio de Janeiro : Ipea , 1990-

ISSN 1415-4765

1.Brasil. 2.Aspectos Econômicos. 3.Aspectos Sociais. I. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

CDD 330.908

As publicações do Ipea estão disponíveis para *download* gratuito nos formatos PDF (todas) e EPUB (livros e periódicos). Acesse: http://www.ipea.gov.br/portal/publicacoes

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

JEL: J15; J16; J21.
DOI: http://dx.doi.org/10.38116/td2684

SUMÁRIO

SINOPSE

ABSTRACT

1 INTRODUÇÃO 6

2 DADOS E METODOLOGIA 9

3 INDICADORES DE ESTOQUE: EVOLUÇÃO DA DESIGUALDADE NO MERCADO DE TRABALHO 10

4 INDICADORES DE TRANSIÇÕES: EVOLUÇÃO DA DESIGUALDADE NO MERCADO DE TRABALHO 17

5 DETERMINANTES DA ENTRADA E SAÍDA DA CONDIÇÃO DE OCUPADO 22

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 30

REFERÊNCIAS 32

SINOPSE

O objetivo deste estudo é investigar a evolução de três dimensões relevantes da desigualdade brasileira no mercado de trabalho, gênero, raça/cor e idade, no período de 2012 a 2020. Mais especificamente, analisa-se como essas estatísticas foram afetadas pela crise associada à pandemia da Covid-19. A partir de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), encontra-se as desigualdades nas taxas de participação, desemprego, ocupação e informalidade não se reduzem durante a crise. Ao contrário, observa-se a ampliação do diferencial, como é o caso da taxa de ocupação por raça/cor e idade. Os resultados indicam ainda aumento intenso nas chances de sair da condição de ocupado para inatividade e redução das chances de conseguir um emprego. Importante notar que mesmo ao se controlar por outras características pessoais ou do posto de trabalho, as mulheres, os negros e os jovens possuem maiores chances de perder a ocupação. No entanto, esta desvantagem não é uma característica somente da crise de 2020.

Palavras-chave: Covid-19; desigualdade; mercado de trabalho; gênero; raça/cor; idade.

ABSTRACT

The aim of this study is to investigate three relevant dimensions of Brazilian inequality in the labor market, gender, race and age, in the period 2012-2020. More specifically, we analyze how these statistics were affected by the crisis due to Covid-19. It is observed that inequalities in participation, unemployment, occupation and informality rates are not reduced during the 2020 crisis. On the contrary, there is an increase in the difference of employment to population ratio by race and age. The results also indicate that 2020 is characterized by an unusual increase in the chances of job loss and a reduction in the chances of getting a job. It is important to note that even when controlling for other personal or job characteristics, women, blacks and young people are more likely to lose their jobs. Nonetheless, this disadvantage is not specific of the 2020 crisis.

Keywords: Covid-19; inequality; labor market; gender; race; age.

1 INTRODUÇÃO

É consenso que a pandemia do coronavírus (Covid-19), evento sem precedente na história recente mundial, gerou efeitos bastante expressivos, e alguns já bem dimensionados, sobre todos os setores da sociedade. No contexto econômico e, em particular, no mercado de trabalho, a perspectiva global foi de forte recessão, resultante da expressiva retração tanto da demanda quanto da oferta de trabalho.

De um lado, as restrições ao funcionamento de diversas atividades econômicas, o que afeta de forma adversa o consumo e leva à forte queda da produção de bens e serviços – e, portanto, da demanda por trabalho. De outro, as medidas de distanciamento social, além do temor de as pessoas irem às ruas e contraírem o vírus Sars-Cov-2, causaram a retração expressiva da oferta de trabalho.[1]

A evidência empírica existente, no entanto, sugere que há uma heterogeneidade significativa do impacto da crise no que diz respeito tanto às características individuais dos trabalhadores quanto suas posições ocupacionais, seus contratos de trabalho e seus vínculos e contratos de trabalho (Adam-Prassl *et al*., 2020; Alon *et al.*, 2020; Galasso *et al.*, 2020).

No Brasil, o mercado de trabalho, que já não apresentava resultados satisfatórios em anos anteriores, piorou de forma bastante expressiva em 2020. Em um primeiro momento (março e abril), a taxa de desemprego aumentou de forma contida, dada a forte queda nos níveis de ocupação e participação na força de trabalho (Carvalho *et al.*, 2020). No segundo trimestre de 2020, a taxa de desemprego chegou a 13,3% (contra 12,4% no mesmo período de 2019 e 11,6% no primeiro trimestre de 2020). Apesar de não desprezível, essa taxa não retrata fielmente o impacto negativo das medidas de isolamento e restrições de atividades econômicas, pois, por tratar-se de um indicador sintético que reflete o comportamento conjunto da oferta e da demanda, ela tende a atenuar adversidades/sucessos do mercado quando essas duas dimensões flutuam na mesma direção (Corseuil, Franca e Ramos, 2020).

1. No Brasil, a redução da oferta de trabalho foi potencializada pela implementação do auxílio emergencial (AE) para as pessoas em situação de vulnerabilidade, havendo um efeito renda positivo (Carvalho *et al.*, 2020). Para uma análise da crise no mercado de trabalho brasileiro ocasionada pela pandemia, ver as Cartas de Conjuntura, divulgadas pelo Ipea, disponível em: <https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/>.

Com relação ao nível de ocupação, em especial, pela primeira vez desde o início da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2012, mais da metade da população brasileira em idade de trabalhar ficou sem emprego. As informações disponíveis sugerem que o nível de ocupação ficou em, para a segunda quinzena de março e o mês de abril, 48,8% e 48,5%, respectivamente, algo inédito na série (Hecksher, 2020). A situação se agravou principalmente para os grupos mais vulneráveis e com maiores dificuldades de entrada no mercado de trabalho, sejam negros, os mais pobres, os mais jovens, as mulheres e os trabalhadores menos qualificados.[2]

O objetivo deste trabalho é o de identificar como as desigualdades associadas a sexo, raça/cor e idade foram afetadas em termos de perda e de ganho de ocupação no Brasil na crise da pandemia de 2020. Além disso, pretende-se comparar tais indicadores com os mesmos fluxos de períodos anteriores (em especial, no período 2015-2016) na medida em que a intensidade da crise tende a ser compreendida de forma mais clara. Em particular, pretende-se comparar os fluxos do primeiro para o segundo trimestre de cada ano, além de identificar como sexo, raça/cor e idade afetam os indicadores de transição mesmo ao controlar por outras características observáveis. A base de dados é proveniente da PNAD Contínua, do IBGE, e a metodologia usada se baseia em análises descritivas e também no modelo de regressão *probit*.

Este estudo está vinculado à literatura de flutuações no mercado de trabalho, mais precisamente de transições de entrada e saída do emprego em momentos de crise. As evidências da literatura especializada sugerem que as flutuações no desemprego são impulsionadas principalmente pelas flutuações na entrada no emprego (Petrolongo e Pissarides, 2008; Shimer, 2012). A probabilidade de saída do emprego pouco afeta o nível de ocupação. São as flutuações na probabilidade de entrada no emprego que impulsionam tanto o nível de ocupação quanto a taxa de desemprego (Shimer, 2012).

2. Este texto inclui os principais pontos abordados das notas técnicas *Mercado de trabalho e pandemia da Covid-19: ampliação de desigualdades já existentes?* e *Desigualdades no mercado de trabalho e pandemia Covid-19*. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_alphacontent&view=alphacontent&Itemid=362>.

Para o caso brasileiro, algumas evidências apontam que, pelo menos para o período antecedente a 2015, a queda no desemprego foi impulsionada pela queda nas transições de saída do emprego (Silva e Pires, 2014). Nunes, Menezes-Filho e Komatsu (2016), por sua vez, sugerem que, para os períodos de 1983 a 2001 e de 2004 a 2013, as oscilações da taxa de admissão foram responsáveis por mais de 75% da variabilidade da taxa de desemprego nas principais regiões metropolitanas do Brasil. Importante apontar também o estudo de Corseuil *et al.* (2020) que mostra que um importante determinante do expressivo aumento na taxa de desemprego de jovens, principalmente entre 2015 e 2017, é a maior retenção dos jovens nesse estado. No contexto da pandemia, e ainda com relação aos jovens, Corseuil e Franca (2020) mostram que a proporção de jovens ocupados, que era de 48,6% no primeiro trimestre de 2020, atingiu 41,4% já no trimestre seguinte, o que significa uma queda de 7,2 pontos percentuais (p.p.) em apenas um trimestre. Essa queda na ocupação foi mais acentuada do que a redução de 5,8 p.p. registrados entre os primeiros trimestres de 2015 a 2017.

Uma das principais contribuições deste trabalho é identificar de forma precisa os fluxos de entrada e saída do emprego no período imediatamente após a determinação do isolamento social adotado em todo o país, considerando os diferenciais por sexo, raça/cor, e idade. A análise direta das transições entre entrada e saída do emprego propicia um conhecimento mais acurado do estreitamento da oferta e da demanda de trabalho ocasionadas pela pandemia.

Além desta introdução, este estudo está organizado da seguinte forma: a seção 2 descreve a base de dados e a metodologia utilizada. A seção 3 analisa a evolução de alguns dos principais indicadores de estoque do mercado de trabalho (taxas de participação, desemprego, ocupação e informalidade) no período entre 2012 e 2020. A análise é realizada por sexo, raça/cor e faixa etária dos trabalhadores. Já a seção 4 apresenta indicadores de transições tanto da entrada quanto da saída na ocupação do mercado de trabalho brasileiro no período analisado. A seção 5 busca mostrar em que medida as diferenças nas transições da condição de ocupação para os grupos de trabalhadores mais vulneráveis permanecem mesmo ao se considerar outras características dos indivíduos e dos seus postos de trabalho. Por fim, a seção 6 é dedicada às considerações finais.

2 DADOS E METODOLOGIA

2.1 Base de dados

Este estudo utiliza os dados da PNAD Contínua produzida pelo IBGE. A PNAD Contínua tem como objetivo produzir indicadores para acompanhar as flutuações trimestrais e a evolução da força de trabalho e outras informações associadas a características demográficas e educacionais da população brasileira acima de 14 anos.

Toda a nossa análise será apresentada de duas formas. A primeira forma, apresentada na seção 3, descreve a evolução dos principais indicadores de estoque do mercado de trabalho brasileiro entre os segundos trimestres de 2012 a 2020. A segunda, que compõe as seções 4 e 5, explora os fluxos de entrada (e saída) na (da) condição de pessoa ocupada entre o primeiro e o segundo trimestre de cada ano.

2.2 Metodologia

A análise da probabilidade de ganhos e perdas ocupacionais entre os dois primeiros trimestres de cada ano, além da identificação dos principais determinantes dessas transições, pode ser modelada da seguinte forma:

$$P_i = f(X_i, S_i, T) \quad (1)$$

Em que P_i é a probabilidade de entrada (saída) no (do) emprego no segundo trimestre de um ano em relação ao primeiro trimestre do mesmo ano; X_i representa as características individuais dos trabalhadores; S_i representa características associadas aos contratos de trabalho dos trabalhadores; e o vetor T inclui variáveis dicotômicas associadas aos anos (tendo 2020 como base) e suas respectivas interações com as variáveis em X_i e S_i. Para o modelo que utiliza somente 2020, o vetor T não é incluído.

Um modelo apropriado para a análise dessas transições é o de regressão *probit*, no qual a variável dependente é dicotômica: i) para transição de desemprego ou inatividade para uma

ocupação, tem-se que $Y = 1$ (entrada em ocupação no segundo trimestre do ano) e $Y = 0$ (permanência em desemprego ou inatividade no segundo trimestre), e ii) para transição de ocupação para desemprego ou inatividade, tem-se que $Y = 1$ (entrada em desemprego ou inatividade no segundo trimestre do ano) e $Y = 0$ (permanência em qualquer ocupação no segundo trimestre). Especificamente, a forma funcional do modelo *probit* é dada por:

$$Y_i' = X_i \beta + S_i \gamma + T \delta + u_i \quad (2)$$

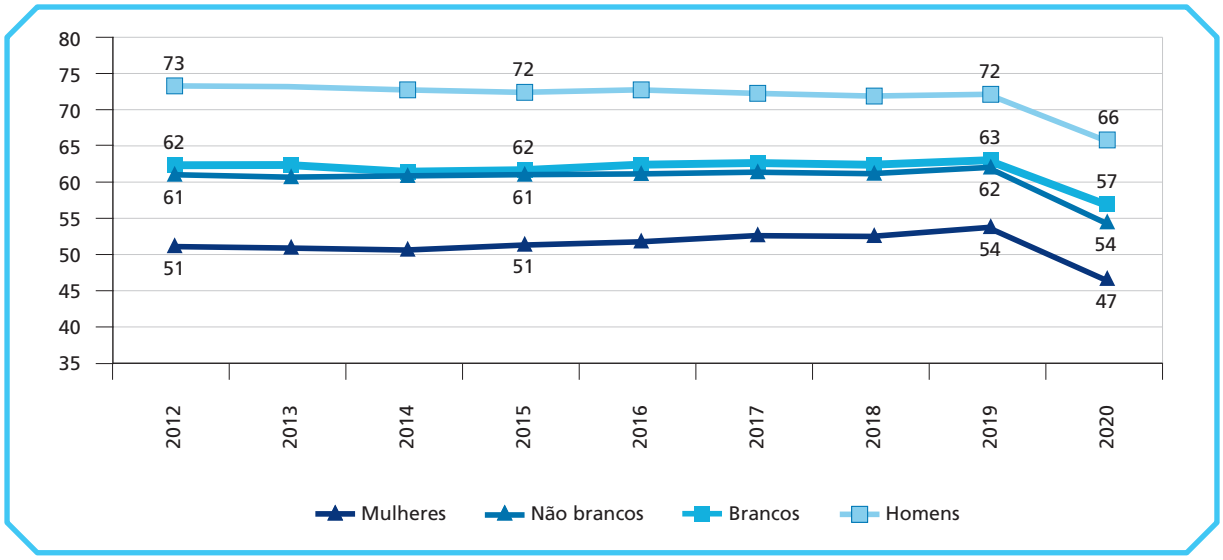
Em que u_i é o termo aleatório com distribuição N $(0, \sigma^2)$ e Y_i' é uma variável latente tal que $Y_i = 1$ se $Y_i' > 0$ e $Y_i' \leq 0$ caso contrário. Os parâmetros β, γ e δ são estimados por máxima verossimilhança para o período 2012-2020 e representam o impacto das variáveis independentes sobre a variável latente e não sobre a probabilidade propriamente dita. O impacto sobre a probabilidade é chamado de efeito marginal e corresponde à derivada parcial da variável latente em relação à variável em questão, estimada no valor médio das variáveis independentes.

3 INDICADORES DE ESTOQUE: EVOLUÇÃO DA DESIGUALDADE NO MERCADO DE TRABALHO

3.1 Taxa de participação

O gráfico 1 evidencia como a taxa de participação é um relevante marcador das diferenças por sexo mas não por raça/cor. Em 2012, os homens possuem uma participação de 22 p.p. mais elevada que as mulheres. Em 2019, a diferença permaneceu elevada, em 18 p.p. Em 2020, a diferença na participação entre homens e mulheres corresponde a 19 p.p., mas esse ano se destaca dos anteriores pela intensa queda sofrida nessa estatística tanto para homens (6 p.p.) quanto mulheres (7 p.p.). Já o pequeno diferencial por raça/cor oscila ao redor de 1 p.p. entre 2012 e 2019, mas alcança 3 p.p. em 2020 após uma queda de 6 p.p. e 8 p.p. para brancos e negros, respectivamente.

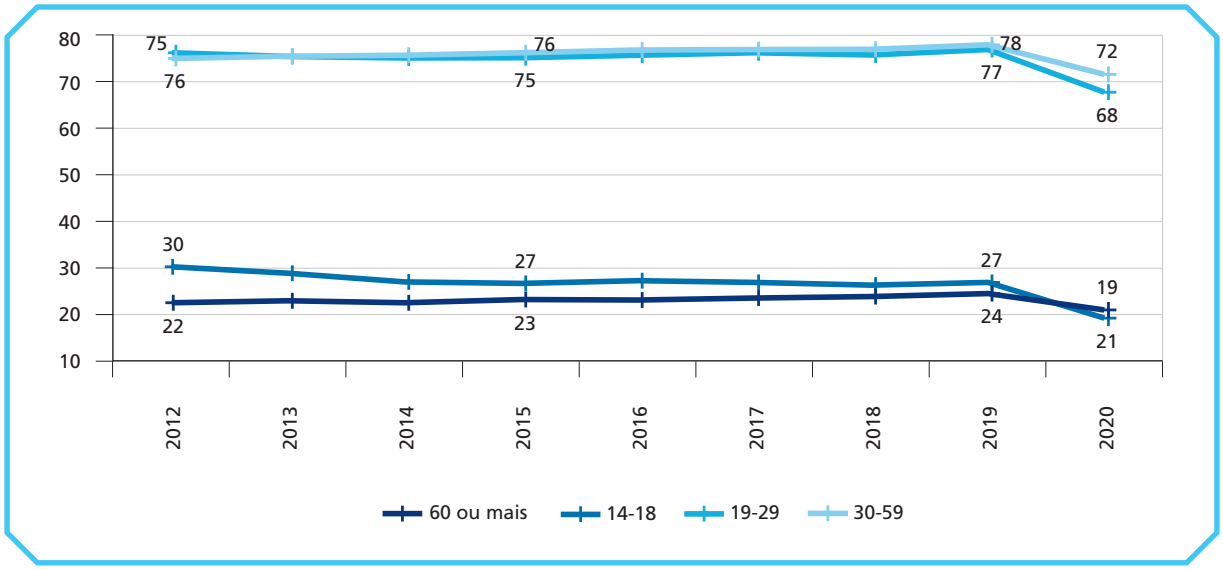
GRÁFICO 1
Taxa de participação por sexo e raça/cor no segundo trimestre (2012-2020)
(Em %)



Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

Ao considerar as diferenças na taxa de participação por idade (gráfico 2), observa-se que, conforme esperado, os grupos etários de 14 a 18 anos e o de 60 anos ou mais apresentam participação bastante reduzida em relação aos outros. Esse resultado ocorre porque o primeiro grupo compreende a idade escolar correspondente à educação básica (especialmente ensino médio) e o segundo abrange os indivíduos em idade de aposentadoria. Tendo em vista as especificidades desses dois grupos, a análise priorizará a comparação entre jovens de 19 a 29 anos e adultos de 30 a 59 anos. Entre esses grupos, não há grandes diferenças, exceto para 2020, em que os adultos possuem participação de cerca de 4 p.p. mais elevada. Isso significa que a forte queda ocorrida na participação na crise de 2020 foi maior entre os mais jovens, de 19 a 29 anos (9 p.p. *versus* 6 p.p. entre os adultos).

GRÁFICO 2
Taxa de participação por idade no segundo trimestre (2012-2020)
(Em %)



Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

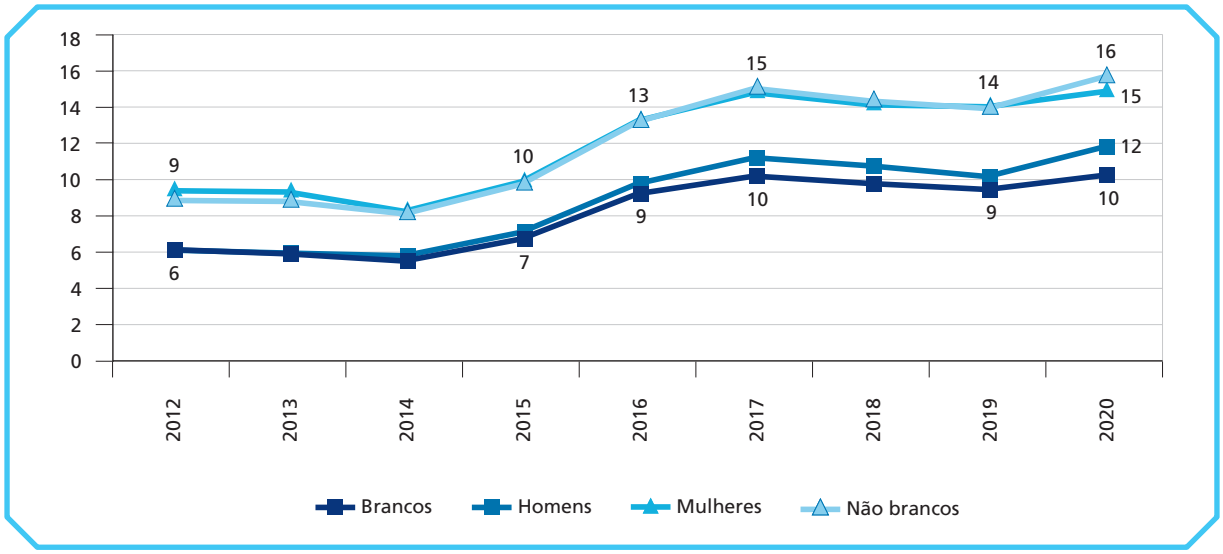
3.2 Taxa de desemprego

A taxa de desemprego marca relevantes diferenças por sexo, raça/cor e idade, o que pode ser observado nos gráficos 3 e 4. Contudo, há heterogeneidade nas magnitudes. Em 2020, mulheres, negros e jovens de 19 a 29 anos apresentavam taxa de desemprego de cerca de 3 p.p., 6 p.p. e 13 p.p. acima de seus respectivos grupos de comparação. Na crise de 2020, houve um aumento do desemprego para todos os grupos, mas não de forma diferenciada em relação a 2015, 2016 e 2017. Vale mencionar ainda que os anos de crise, tanto 2015-2016 quanto 2020, se caracterizam também pela elevação do diferencial de desemprego, especialmente por raça/cor e idade.

GRÁFICO 3

Taxa de desemprego por sexo e raça/cor no segundo trimestre (2012-2020)

(Em %)

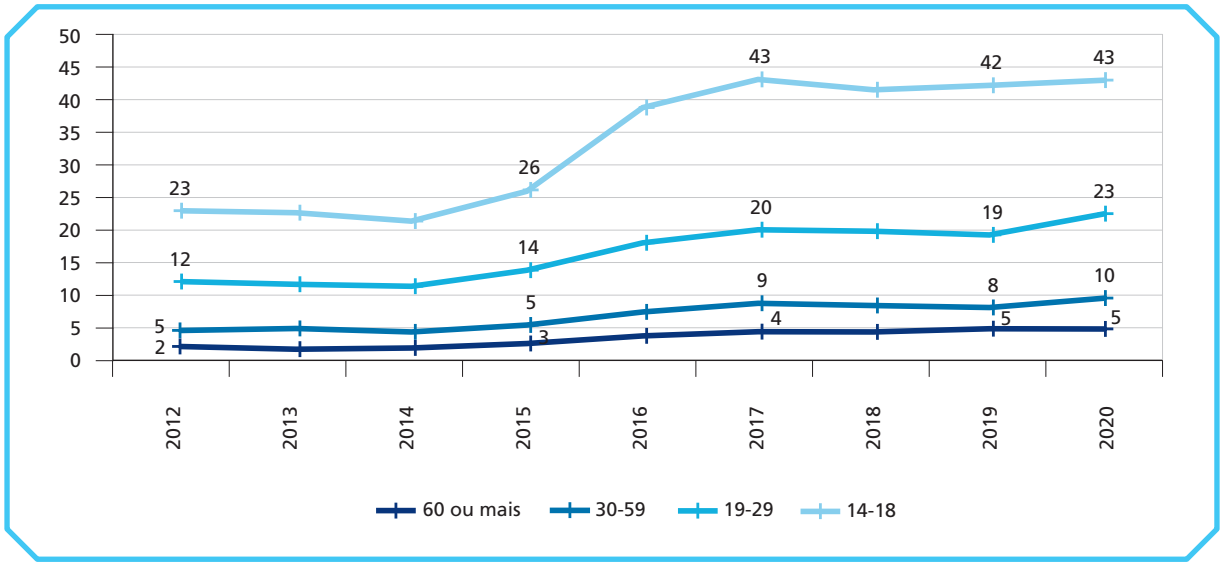


Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

GRÁFICO 4

Taxa de desemprego por idade no segundo trimestre (2012-2020)

(Em %)



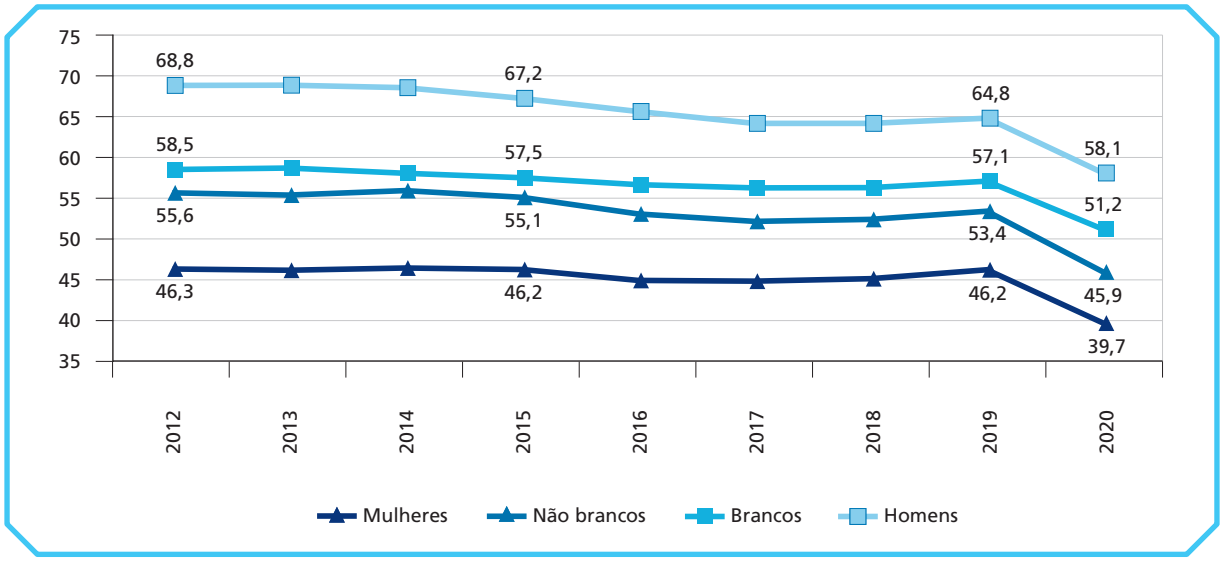
Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

3.3 Nível da ocupação

A evolução da proporção de ocupados sobre o total da população em idade de trabalhar reflete tanto os movimentos ocorridos no desemprego quanto na participação no mercado de trabalho. Nos gráficos 5 e 6, observa-se como a intensidade da queda do nível da ocupação em 2020 foi maior do que a ocorrida em 2015, 2016 e 2017. Além da amplitude maior, a análise anterior mostrou que a queda da ocupação em 2020 ocorreu principalmente a partir do aumento da inatividade, enquanto a queda sofrida na crise anterior se deveu ao aumento do desemprego.

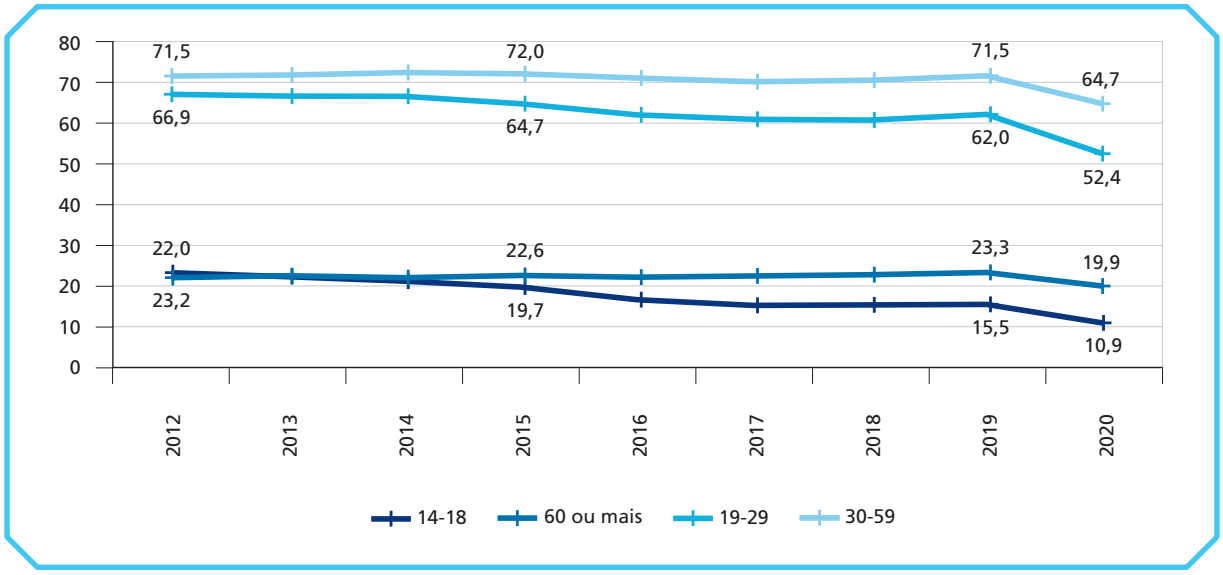
Vale notar ainda que tanto a crise anterior quanto a de 2020 sugerem certa elevação dos diferenciais de ocupação entre negros e brancos assim como entre os grupos de 19 a 29 e 30 a 59 anos. Assim, entre 2019 e 2020, o diferencial por raça/cor se elevou de 3,7 p.p. para 5,3 p.p., e entre jovens e adultos, 9,5 p.p. para 12,3 p.p. Se for levado em consideração um momento anterior a ambas as crises, é possível verificar que a elevação do diferencial foi ainda maior.

GRÁFICO 5
Ocupados na população em idade de trabalhar, por sexo e raça/cor, no segundo trimestre (2012-2020)
(Em %)



Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

GRÁFICO 6
Ocupados na população em idade de trabalhar, por faixas etárias, no segundo trimestre (2012-2020)
(Em %)



Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

No entanto, o maior diferencial na taxa de ocupação ocorre entre mulheres e homens – oscila por volta de 20 p.p., com tendência de queda ou de permanência mesmo nos anos de crise. Assim, em 2012, 2015, 2019 e 2020, esse diferencial correspondia a 22,5 p.p., 21 p.p., 18,6 p.p. e 18,4 p.p., respectivamente. Apesar de não ocorrer a ampliação desse diferencial, são as mulheres as que apresentam taxa de ocupação mais baixa, 39,7%.

3.4 Taxa de informalidade

Outro diferencial relevante entre homens e mulheres, brancos e negros, e adultos e jovens é encontrado ao comparar as taxas de informalidade. Nos gráficos 7 e 8 são apresentadas as proporções de trabalhadores sem carteira assinada[3] entre os que estão ocupados em cada um desses grupos. Em 2020, esse diferencial por sexo, raça/cor e idade correspondeu a 5,8 p.p., 6,2 p.p. e 8,6 p.p., respectivamente. Ao longo de todo o período 2012-2020, há uma

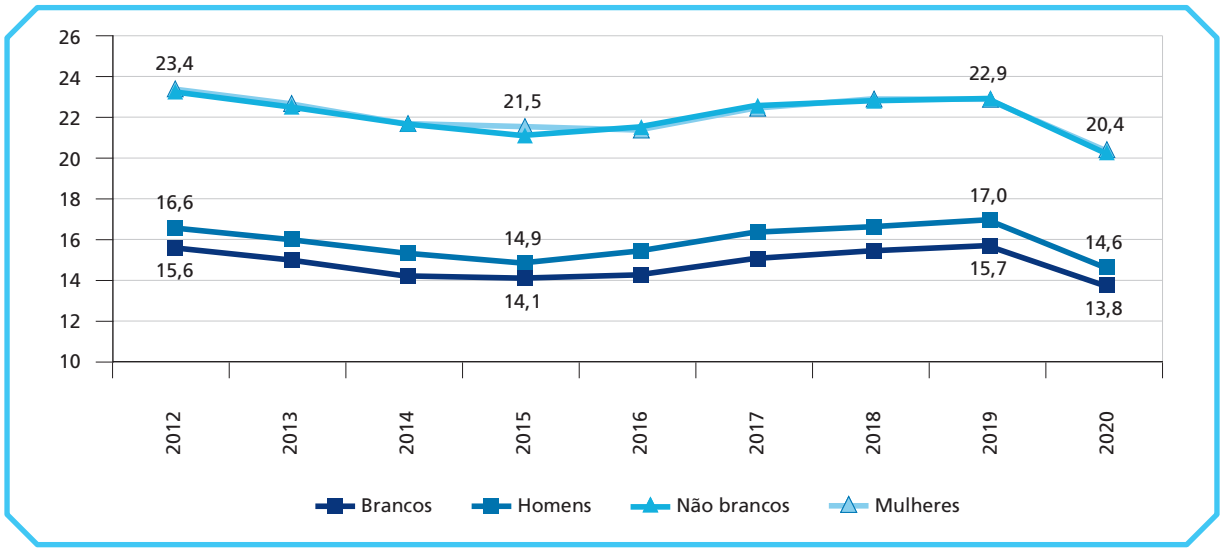
3. São considerados os empregados sem carteira assinada tanto no setor público quanto no setor privado. Entre os ocupados, foram incluídos todos os que possuem ocupação, independentemente de qual seja.

tendência à manutenção desse diferencial, mas em 2016, 2017 e 2018 houve certo aumento do diferencial entre jovens e adultos.

GRÁFICO 7

Sem carteira entre os ocupados, por sexo e raça/cor, no segundo trimestre (2012-2020)

(Em %)

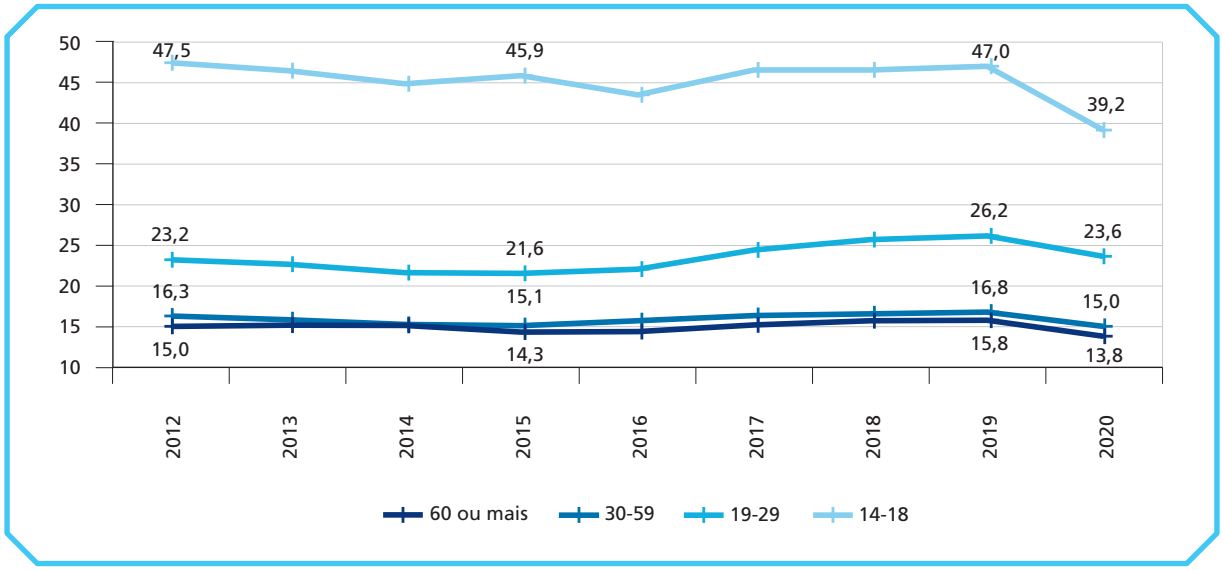


Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

GRÁFICO 8

Sem carteira entre os ocupados, por idade, no segundo trimestre (2012-2020)

(Em %)



Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

Chama atenção que enquanto os anos da crise anterior (2016, 2017 e 2018) apresentam uma elevação da proporção dos empregados sem carteira assinada entre os ocupados, 2020 apresenta-se como atípico por apresentar uma grande redução desse percentual. Infelizmente, essa redução está associada à saída desses trabalhadores do mercado de trabalho. Conforme já discutido na revisão de literatura e de acordo com resultados a seguir, os trabalhadores sem carteira estão entre os que mais perderam suas ocupações na crise pandêmica.

Em suma, ao contrário da crise recente (2015-2017), a crise desencadeada pelo início da pandemia em 2020 se caracterizou mais fortemente pela redução da participação no mercado de trabalho do que pelo aumento do desemprego. A forte queda na taxa de ocupação resultou também em um aumento dos diferencias nesse indicador por raça/cor e idade. Apesar do diferencial na taxa de ocupação por gênero não ter se ampliado, sobressai o fato de que menos de 40% das mulheres encontravam-se ocupadas nos primeiros meses da crise pandêmica.

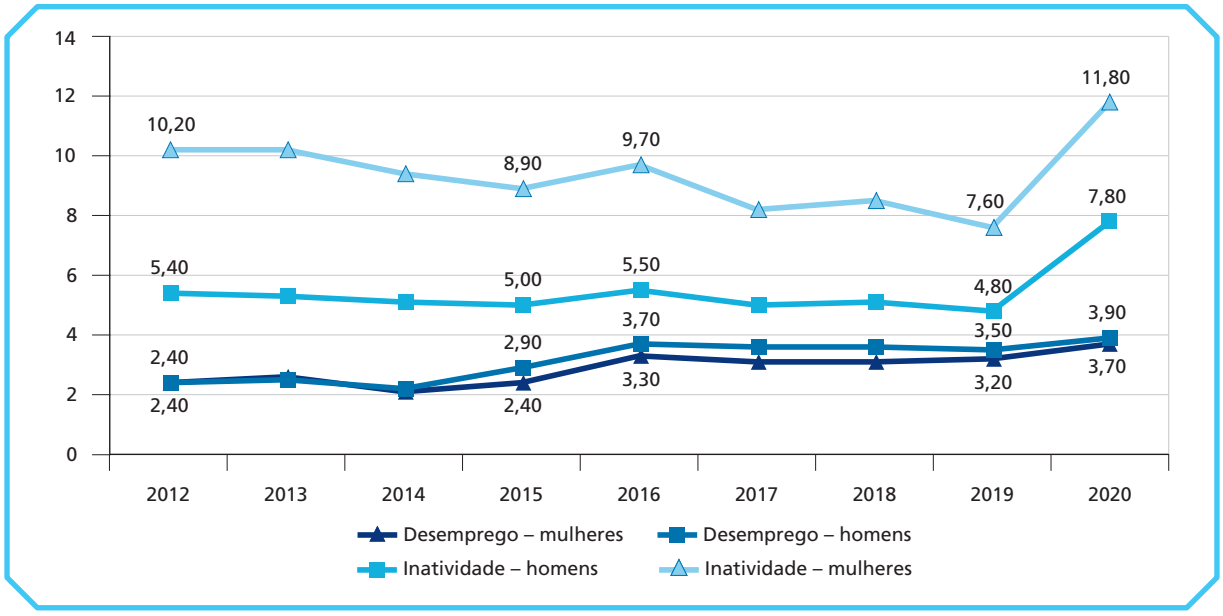
4 INDICADORES DE TRANSIÇÕES: EVOLUÇÃO DA DESIGUALDADE NO MERCADO DE TRABALHO

4.1 Indicadores de saída da ocupação

Diferentemente da seção anterior, aqui são analisados indicadores que refletem os fluxos de indivíduos entre as situações de ocupados, inativos e desempregados do primeiro para o segundo trimestre de cada ano do período 2012-2020. Mais especificamente, nesta subseção são analisadas as proporções de indivíduos ocupados no primeiro trimestre de cada ano que, no trimestre seguinte, tornaram-se ou desempregados, ou inativos. O gráfico 9 apresenta esses fluxos para homens e mulheres separadamente.

Ao longo de todo o período, observa-se que o principal diferencial entre homens e mulheres está na proporção de indivíduos que migram para a inatividade. Esse percentual para as mulheres é sempre superior, mas estava reduzindo entre 2012 e 2015 e em 2020 – a diferença ficou em 4 p.p. A crise ocorrida em 2020 se caracteriza por uma elevação significativa da proporção de ocupados que transitam para a inatividade. De 2019 para 2020, a elevação desse percentual correspondeu a 4,2 p.p. e 3 p.p. para mulheres e homens, respectivamente.

GRÁFICO 9
Transição da ocupação para desemprego ou inatividade entre o primeiro e o segundo trimestre, por sexo
(Em %)

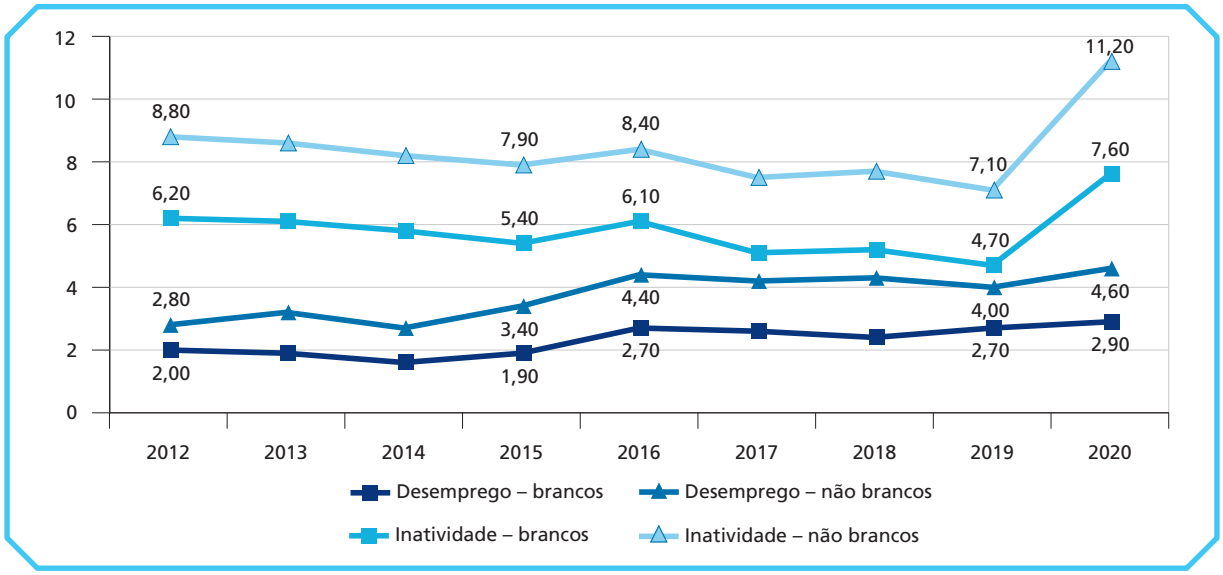


Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

O fluxo da ocupação para o desemprego, por sua vez, estava similar entre homens e mulheres até a crise em 2015-2016, quando a subida desse indicador foi um pouco mais intensa para as mulheres do que para os homens. Mas a diferença não chegou a 1 p.p. e manteve-se até 2020, momento em que a elevação da transição para o desemprego foi bem mais suave do que a ocorrida em 2015-2016.

Em relação ao diferencial por raça/cor, o gráfico 10 mostra que são relevantes as diferenças existentes nas transições tanto para inatividade quanto para o desemprego. Enquanto a crise 2015-2016 se caracterizou pela elevação da migração para o desemprego e por um aumento do diferencial desse indicador entre brancos e negros, a crise em 2020 se diferencia pela elevação súbita da transição para a inatividade, que ocorreu também de forma mais intensa para negros (aumento de 4,1 p.p. entre negros e 2,9 p.p. entre brancos).

GRÁFICO 10
Transição da ocupação para desemprego ou inatividade entre o primeiro e o segundo trimestre, por raça/cor
(Em %)



Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

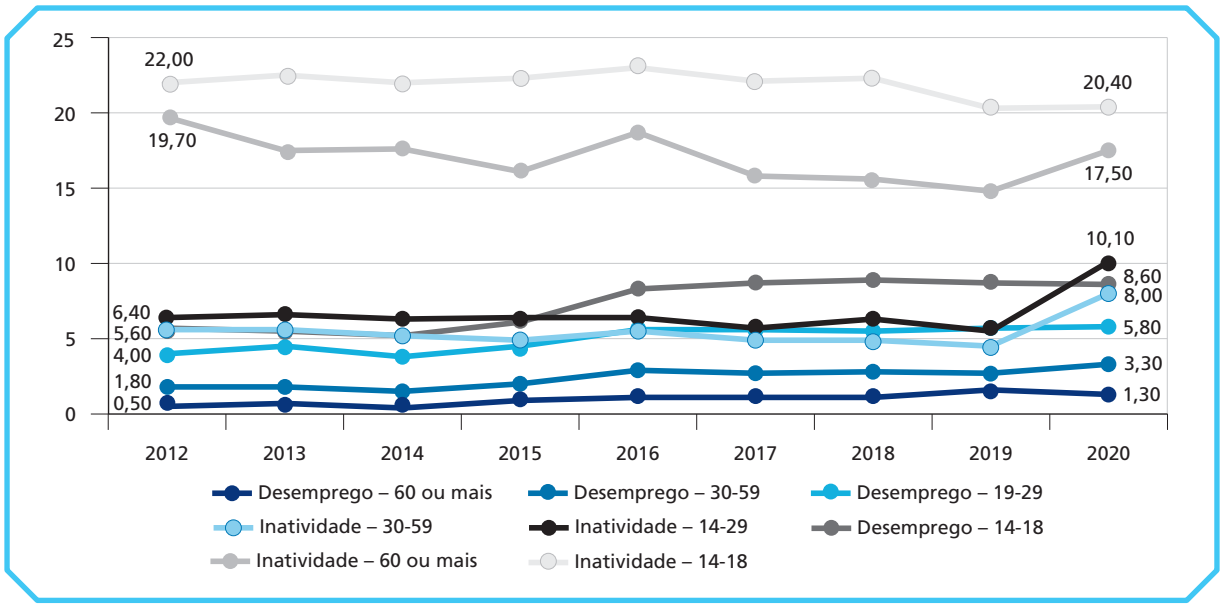
Ao considerar as faixas etárias, destacam-se as elevadas transições para inatividade entre os grupos de 14 a 18 anos e 60 anos ou mais. Essas proporções já seriam esperadas haja vista que a primeira categoria corresponde à idade adequada ao ensino médio e a segunda compreende indivíduos que poderiam se aposentar. Não obstante, a elevação nas chances de transitar para a inatividade, entre aqueles com 60 anos ou mais, em 2020 está associada à crise da pandemia.

O principal diferencial entre os grupos de 19 a 29 anos e 30 a 59 anos ocorre na proporção que transita para o desemprego com desvantagem para os mais jovens. E este foi o indicador mais afetado na crise 2015-2016. Fica evidenciado mais uma vez que a crise de 2020 se caracteriza pelo aumento agudo da transição para a inatividade, e esta elevação ocorreu de forma um pouco mais intensa para o grupo etário 19-29 (aumento de 4,6 p.p. para a faixa de 19 a 29 anos *versus* 3,5 p.p. para a de 30 a 59 anos).

Ou seja, a crise de 2020 correspondeu a um aumento relevante nas chances de transitar para a inatividade entre todos os grupos. Não obstante, vale registrar que esse aumento ocorreu

de forma um pouco mais intensa (cerca de 1 p.p. acima) para os grupos em desvantagem: mulheres, negros e jovens de 19 a 29 anos).

GRÁFICO 11
Transição da ocupação para desemprego ou inatividade entre o primeiro e o segundo trimestre, por idade
(Em %)



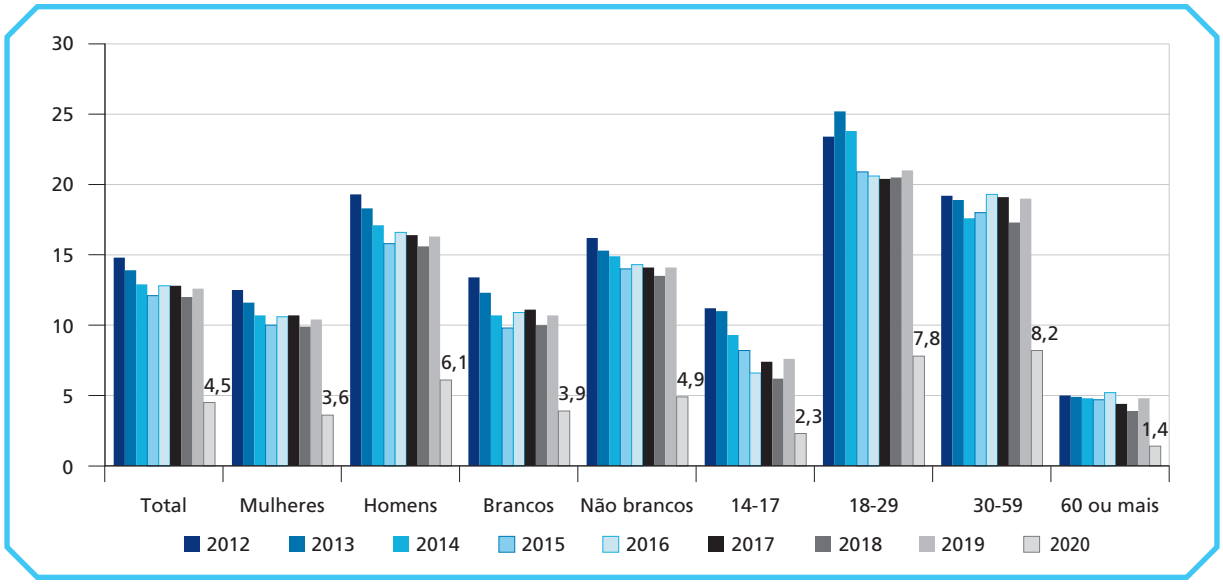
Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

4.2 Indicadores de entrada na ocupação

Além da saída da ocupação, é importante analisar também o fluxo de entrada nas ocupações. O gráfico 12 apresenta a proporção de indivíduos que se tornaram ocupados no segundo trimestre entre aqueles que estavam ou desempregados ou inativos no primeiro trimestre de cada ano do período 2012-2020.

Em relação às desigualdades no período como um todo, há que se destacar que as mulheres possuem menores chances de conseguir uma ocupação enquanto negros e jovens de 18 a 29 anos possuem maiores chances. Essa aparente vantagem de negros e jovens está associada tanto a uma maior rotatividade no mercado de trabalho quanto a uma maior facilidade de entrar em ocupações informais.

GRÁFICO 12
Transição do desemprego ou inatividade para uma ocupação entre o primeiro e o segundo trimestre, por sexo, raça/cor e idade
(Em %)



Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

A taxa de entrada sofreu uma redução bastante abrupta em 2020 que não se equipara a reduções ocorridas nos anos anteriores. A proporção de pessoas inativas/desempregadas que conseguiram uma ocupação no segundo trimestre sofreu redução de 12,6% em 2019 para 4,5% em 2020. A queda foi sentida em todos os grupos, mas foi maior em termos absolutos para homens (10,2 p.p. *versus* 6,8 p.p. para mulheres), negros (9,2 p.p. *versus* 6,8 p.p. para brancos) e jovens de 19 a 29 anos (13,2 p.p. *versus* 10,8 p.p. para o grupo de 30 a 59 anos).

Resumindo, os indicadores de fluxo apontam que a crise de 2020 se caracterizou essencialmente pelo ida dos ocupados para a inatividade e também pelas dificuldades em entrar no mercado de trabalho. Ao considerar os jovens na faixa etária de 19 a 29 anos e os negros, o início da crise de 2020 significou um maior aumento da transição para inatividade e uma maior redução das chances de conseguir uma ocupação. Já para as mulheres, houve um maior aumento da transição para inatividade, mas os homens sofreram uma maior queda nas chances de tonar-se ocupado.

5 DETERMINANTES DA ENTRADA E SAÍDA DA CONDIÇÃO DE OCUPADO

5.1 Determinantes da perda de ocupação

Conforme visto na seção anterior, as mulheres, os negros e os jovens[4] são aqueles que possuem maiores chances de perder o emprego e transitar para uma situação de inatividade ou desocupação. Nos dois momentos de crises no período analisado, são esses os grupos que apresentam os indicadores mais preocupantes, pois a desigualdade não arrefece nessas ocasiões. Nesta seção, o objetivo é analisar em que medida os diferenciais obtidos na seção 4 por sexo, raça/cor e idade permanecem mesmo ao controlar por outras características tanto dos indivíduos quanto dos seus postos de trabalho. São consideradas escolaridade, posição na ocupação, área de atividade, remuneração e tipo de jornada.

A literatura aponta que sexo, raça/cor e idade dos trabalhadores estão associados a diferentes qualificações e inserções no mercado de trabalho. Essas características também podem ser determinantes da perda da ocupação. Assim, por exemplo, o fato de terem maior representatividade em ocupações informais pode explicar por que esses grupos estão mais sujeitos à perda da ocupação. No gráfico 13, é possível observar diversas características relacionadas à transição para inatividade ou desemprego entre o primeiro e o segundo trimestre de cada ano.

De forma geral, para todos os anos, as maiores proporções de ocupados que perdem o emprego estão entre os indivíduos com menor escolaridade (que não possuem ensino médio completo), os trabalhadores em ocupações sem carteira assinada ou conta própria, os ocupados em atividades de agricultura, construção ou serviços domésticos, e também aqueles que estão no terço inferior da distribuição de salários ou que possuem jornada parcial.

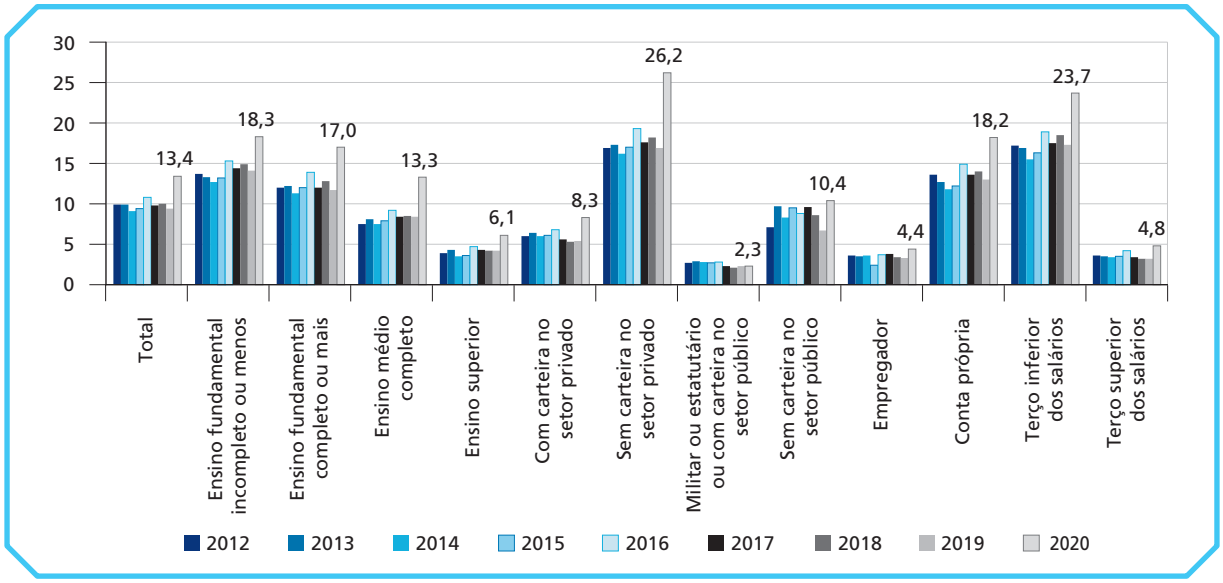
4. Ao comparar com os adultos. Em relação aos idosos, a proporção que transita da ocupação para inatividade é naturalmente maior entre o grupo com 60 ou mais.

GRÁFICO 13

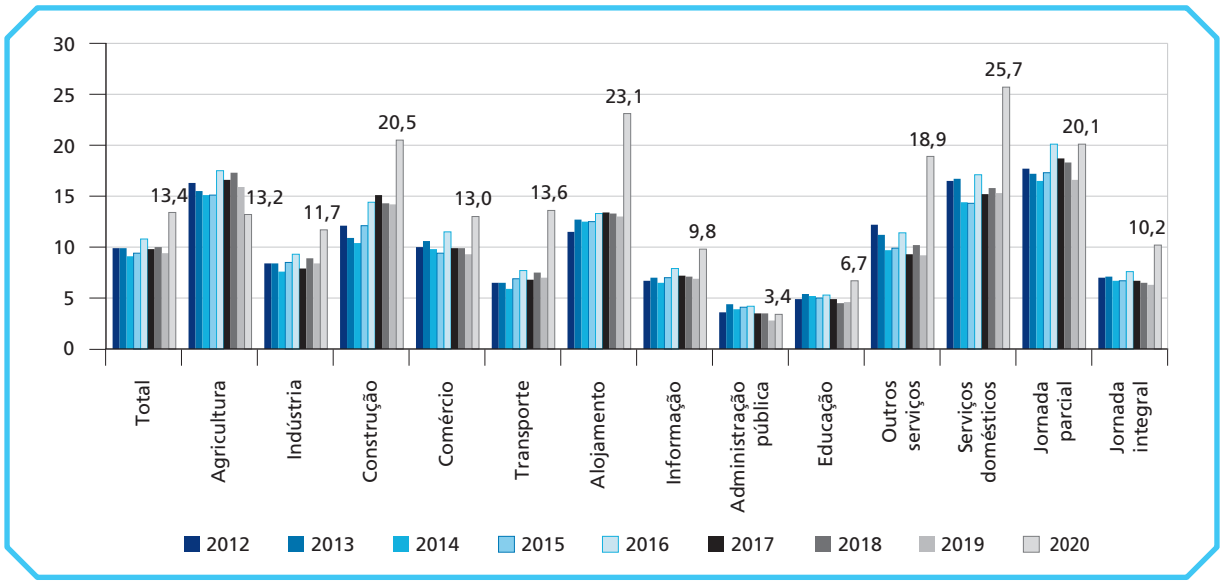
Transição da ocupação para desemprego ou inatividade (2012-2020)

(Em %)

13A – Por escolaridade, posição na ocupação e posição na distribuição salarial



13B – Por setores de atividade e duração da jornada



Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.

Ainda assim, o gráfico 13 ressalta como 2020 foi atípico mesmo ao comparar com os anos da crise anterior e se diferencia por um proeminente aumento da chance de migrar para o desemprego ou a inatividade. Os trabalhadores sem carteira no setor privado, aqueles com

baixa escolaridade e remuneração, e aqueles nos setores de alojamento e serviços domésticos aparecem com maior chance de perder o emprego. Como muitas dessas características estão associadas a sexo, raça/cor e idade dos trabalhadores, é importante verificar se tais desigualdades permanecem mesmo após controlar por essas outras características. Se for verificado que tais desigualdades não são significativas após controlar por essas variáveis, isso significa que todo diferencial observado (por sexo, ou raça/cor ou idade) é explicado pela diferença nas características observadas.

O gráfico 14 apresenta os efeitos marginais de um modelo *probit* estimado para a probabilidade de perder o emprego em 2020. Importante notar que mesmo ao se controlar por outras características associadas à produtividade e à forma de inserção no mercado de trabalho, as variáveis que representam sexo, raça/cor e idade permanecem significativas e positivas. Ser mulher, ser negro e estar entre os 19 e os 29 anos significa ter uma chance entre 2 p.p. e 3 p.p. mais elevada, mesmo após controlar por diversas características como escolaridade, tipo de ocupação, área de atividade, nível salarial e tipo de jornada. Esse resultado indica que boa parte da desigualdade observada para esses indivíduos decorre de sua presença em ocupações mais vulneráveis ou em áreas de atividades mais afetadas. Contudo, permanece ainda uma parcela não explicada do diferencial. Vale observar ainda a proeminência dos coeficientes marginais associados aos trabalhadores sem carteira assinada, por conta própria e aqueles nas atividades de construção e alojamento.

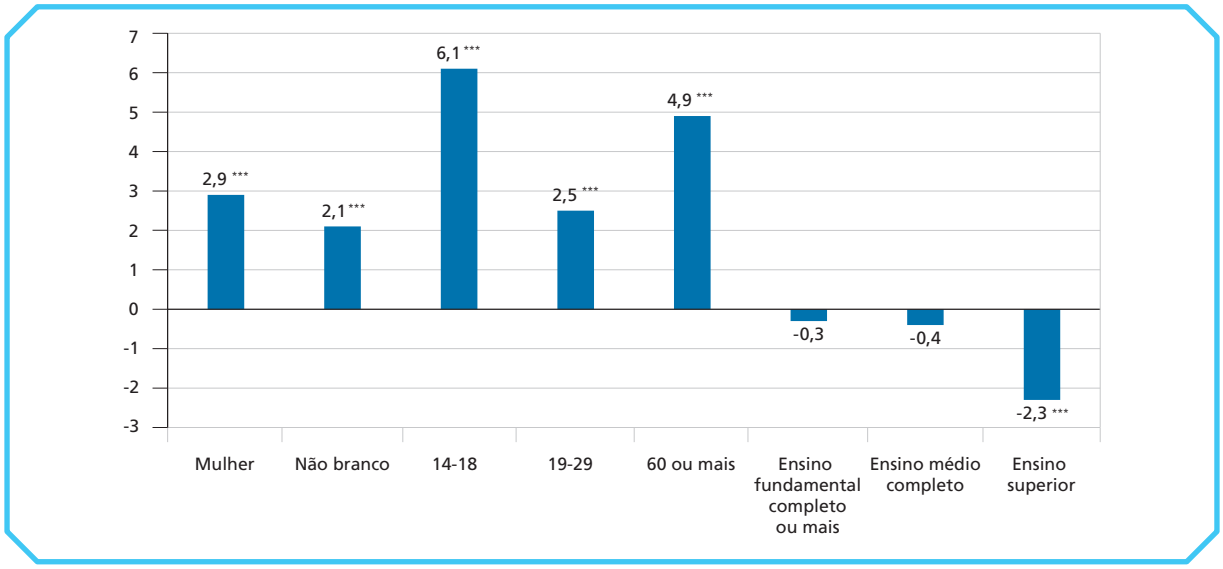
Já a tabela 1 apresenta o resultado de um modelo *probit* estimado para a probabilidade de perder o emprego, considerando o período 2012-2020. A variável *dummy* que indica 2020 assim como sua interação com as demais variáveis foram omitidas do modelo. Os resultados indicam em que medida os anos anteriores diferem em relação a 2020. A primeira linha da tabela mostra que os coeficientes marginais de todas as *dummies* de 2012 a 2019 foram negativos e significativos, ou seja, em cada um desses anos a probabilidade de migrar para o desemprego ou a inatividade foi menor ao comparar com 2020.

GRÁFICO 14

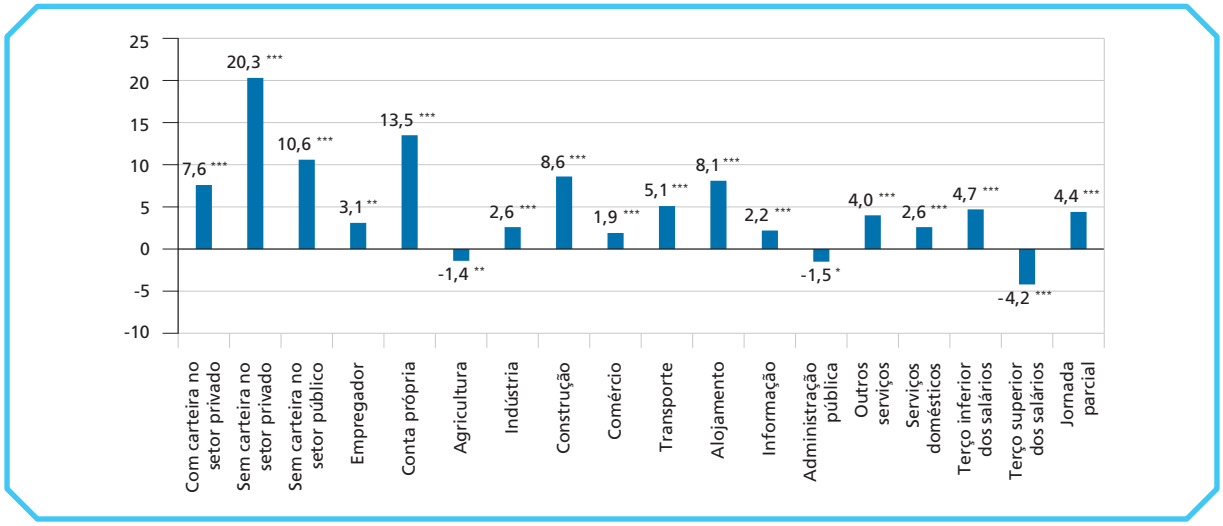
Coeficientes marginais da probabilidade de transição da ocupação para desemprego ou inatividade (2020)

(Em p.p.)

14A – Características pessoais



14B – Características do posto de trabalho



Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração dos autores.

Obs.: 1. ***p < 0,01, **p < 0,05, *p < 0,1.

2. Valores representam coeficientes marginais obtidos de um modelo *probit* para a probabilidade de sair da ocupação entre o primeiro e o segundo trimestre de 2020. Para as variáveis de escolaridade, faixa etária, posição na ocupação e área de atividade, as categorias omitidas correspondem a ensino fundamental incompleto ou menos, grupo etário de 30 a 59 anos, militar/estatutário/com carteira no setor público, e educação, respectivamente. Número de observações equivale a 119.024, o que corresponde aos indivíduos ocupados no primeiro trimestre de 2020.

Se os coeficientes associados às interações entre as *dummies* de ano e a *dummy* para mulher (segunda linha da tabela 1) fossem negativos e significativos, isso significaria que o fato de ser mulher afetaria ainda mais a chance de perder o emprego em 2020, mesmo após controlar por outras características. Em outras palavras, entre 2012 e 2019, o fato de ser mulher afetaria menos a probabilidade condicional de transitar para desemprego ou inatividade ao comparar com 2020. No entanto, isso não é o observado. Na verdade, entre 2012-2018, ser mulher tinha efeito condicional maior sobre as chances de perder emprego.

TABELA 1
Coeficientes marginais da probabilidade de transição da ocupação para desemprego ou inatividade (2012-2020)

Variáveis de interação	*Dummies* de cada ano (*probit* 2012-2020)							
	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
sem interação	-0.027 (0.007)***	-0.023 (0.007)***	-0.014 (0.008)*	-0.018 (0.007)**	-0.019 (0.007)***	-0.021 (0.007)***	-0.027 (0.007)***	-0.018 (0.008)**
d_mulher	0.023 (0.004)***	0.019 (0.004)***	0.019 (0.004)***	0.010 (0.003)***	0.012 (0.004)***	0.007 (0.003)*	0.007 (0.003)*	0.002 (0.003)
d_nao_branco	-0.009 (0.002)***	-0.006 (0.003)**	-0.006 (0.003)**	-0.004 (0.003)	-0.007 (0.003)***	-0.004 (0.003)	-0.004 (0.003)	-0.005 (0.003)*
d_EF_comp	-0.001 (0.004)	0.000 (0.004)	-0.002 -0.002	0.000 (0.004)	0.006 (0.004)	-0.006 (0.004)	-0.004 (0.004)	-0.004 (0.004)
d_EM_comp	-0.008 (0.003)**	-0.004 (0.003)	-0.008 (0.003)**	-0.009 (0.003)**	-0.005 (0.003)	-0.007 (0.003)*	-0.007 (0.003)**	-0.003 (0.004)
d_ES_comp	-0.002 (0.006)	0.007 (0.006)	-0.008 (0.005)	-0.009 (0.005)*	0.000 (0.006)	-0.001 (0.005)	0.002 (0.005)	0.000 (0.006)
d_14_18	0.059 (0.010)***	0.046 (0.010)***	0.055 (0.010)***	0.044 (0.010)***	0.034 (0.009)***	0.041 (0.010)***	0.038 (0.011)***	0.040 (0.011)***
d_19_29	0.012 (0.004)***	0.013 (0.004)***	0.014 (0.004)***	0.016 (0.004)***	0.006 (0.004)*	0.007 (0.004)**	0.009 (0.004)**	0.009 (0.004)**
d_60_ou_mais	0.044 (0.006)***	0.034 (0.006)***	0.043 (0.006)***	0.030 (0.006)***	0.032 (0.006)***	0.022 (0.005)***	0.018 (0.005)***	0.024 (0.006)***
d_com_cart_priv	-0.019 (0.007)***	-0.017 (0.007)**	-0.025 (0.006)***	-0.022 (0.007)***	-0.014 (0.007)**	-0.015 (0.007)**	-0.018 (0.007)***	-0.021 (0.007)***
d_sem_cart_priv	-0.039 (0.005)***	-0.036 (0.005)***	-0.041 (0.005)***	-0.039 (0.005)***	-0.032 (0.006)***	-0.031 (0.006)***	-0.031 (0.006)***	-0.038 (0.006)***
d_sem_cart_pub	-0.033 (0.006)***	-0.021 (0.007)***	-0.028 (0.007)***	-0.022 (0.007)***	-0.023 (0.007)***	-0.008 (0.009)	-0.018 (0.008)**	-0.031 (0.006)***
d_empregador	-0.009 (0.010)	-0.005 (0.011)	-0.012 (0.010)	-0.027 (0.008)***	-0.011 (0.010)	0.000 (0.011)	-0.005 (0.011)	-0.019 (0.009)**

(Continua)

(Continuação)

Variáveis de interação	*Dummies* de cada ano (*probit* 2012-2020)							
	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
d_contapropria	-0.026 (0.006)***	-0.025 (0.007)***	-0.033 (0.006)***	-0.032 (0.006)***	-0.020 (0.007)***	-0.020 (0.007)***	-0.020 (0.007)***	-0.028 (0.007)***
d_agricultura	0.068 (0.012)***	0.053 (0.011)***	0.049 (0.011)***	0.049 (0.011)***	0.057 (0.011)***	0.059 (0.011)***	0.070 (0.012)***	0.058 (0.012)***
d_industria	0.013 (0.008)*	0.007 (0.008)	0.004 (0.007)	0.013 (0.008)	0.011 (0.008)	0.000 (0.007)	0.016 (0.008)*	0.005 (0.008)
d_construcao	0.012 (0.009)	-0.004 (0.007)	-0.001 (0.008)	0.006 (0.008)	0.010 (0.009)	0.013 (0.009)	0.012 (0.009)	0.005 (0.009)
d_comercio	0.018 (0.008)**	0.016 (0.008)**	0.013 (0.008)*	0.011 (0.007)	0.019 (0.008)**	0.011 (0.008)	0.017 (0.008)**	0.007 (0.008)
d_transporte	-0.007 (0.008)	-0.012 (0.008)	-0.014 (0.007)*	-0.006 (0.008)	-0.008 (0.008)	-0.015 (0.007)**	-0.000 (0.009)	-0.012 (0.008)
d_alojamento	-0.022 (0.006)***	-0.018 (0.007)***	-0.016 (0.007)**	-0.015 (0.007)**	-0.021 (0.006)***	-0.018 (0.006)***	-0.014 (0.007)**	-0.020 (0.007)***
d_informacao	0.011 (0.008)	0.005 (0.008)	0.007 (0.008)	0.013 (0.008)*	0.014 (0.008)*	0.013 (0.008)	0.017 (0.009)**	0.008 (0.008)
d_adm_publica	0.028 (0.012)**	0.035 (0.012)***	0.023 (0.011)**	0.028 (0.012)**	0.036 (0.012)***	0.027 (0.012)**	0.033 (0.012)***	0.014 (0.011)
d_outros_serv	-0.003 (0.008)	-0.015 (0.007)**	-0.016 (0.007)**	-0.017 (0.007)**	-0.019 (0.006)***	-0.027 (0.006)***	-0.019 (0.007)***	-0.027 (0.006)***
d_serv_dom	0.003 (0.008)	-0.001 (0.008)	-0.011 (0.007)	-0.013 (0.007)*	-0.005 (0.007)	-0.012 (0.007)*	-0.005 (0.008)	-0.005 (0.008)
d_terco_inferior	0.000 (0.003)	-0.003 (0.003)	-0.004 (0.003)	0.002 (0.003)	0.002 (0.003)	0.001 (0.003)	0.006 (0.004)*	0.011 (0.004)***
d_terco_superior	0.014 (0.005)***	0.005 (0.004)	0.011 (0.005)**	0.017 (0.005)***	0.014 (0.005)***	0.010 (0.005)**	0.005 (0.004)	0.012 (0.005)***
d_jornada_parcial	0.013 (0.003)***	0.011 (0.003)***	0.008 (0.003)***	0.013 (0.003)***	0.018 (0.003)***	0.020 (0.003)***	0.018 (0.003)***	0.011 (0.003)***

Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração dos autores.

Obs.: 1. ***p < 0,01, **p < 0,05, *p < 0,1.

2. Valores representam coeficientes marginais obtidos de um modelo *probit* para a probabilidade de sair da ocupação entre o primeiro e o segundo trimestre do período 2012-2020. Não estão apresentados coeficientes para as *dummies* sem interação com ano (sexo, raça/cor, escolaridade, idade, posição na ocupação, área de atividade, salário e tipo de jornada). Para as variáveis de escolaridade, faixa etária, posição na ocupação e área de atividade, as categorias omitidas correspondem a ensino fundamental incompleto ou menos, grupo etário de 30 a 59 anos, militar/estatutário/com carteira no setor público, e educação, respectivamente. Número de observações equivale a 1.318.443, o que corresponde aos dados empilhados de 2012-2020.

Também para os jovens entre 19 e 29 anos (oitava linha da tabela 1), o efeito condicional de estar nessa faixa etária foi maior para os anos anteriores. Vale ressaltar que seria incorreto

afirmar com isso que esses grupos não estão entre os que tiveram um maior aumento da chance de perder o emprego na crise de 2020. Esses resultados simplesmente indicam que outras características desses grupos explicam o aumento da perda da ocupação em 2020, como o fato de estarem mais representados em ocupações informais ou em atividades de alojamento e serviços.

Para os negros, os resultados (terceira linha da tabela 1) indicam que ser negro afetou mais a probabilidade de perder o emprego em 2020 do que de 2012 a 2014, 2016 e 2019. Apesar de o resultado ser um pouco diferente em relação ao obtido por sexo e idade, a mesma análise também se aplica aqui.

5.2 Ganho de ocupação

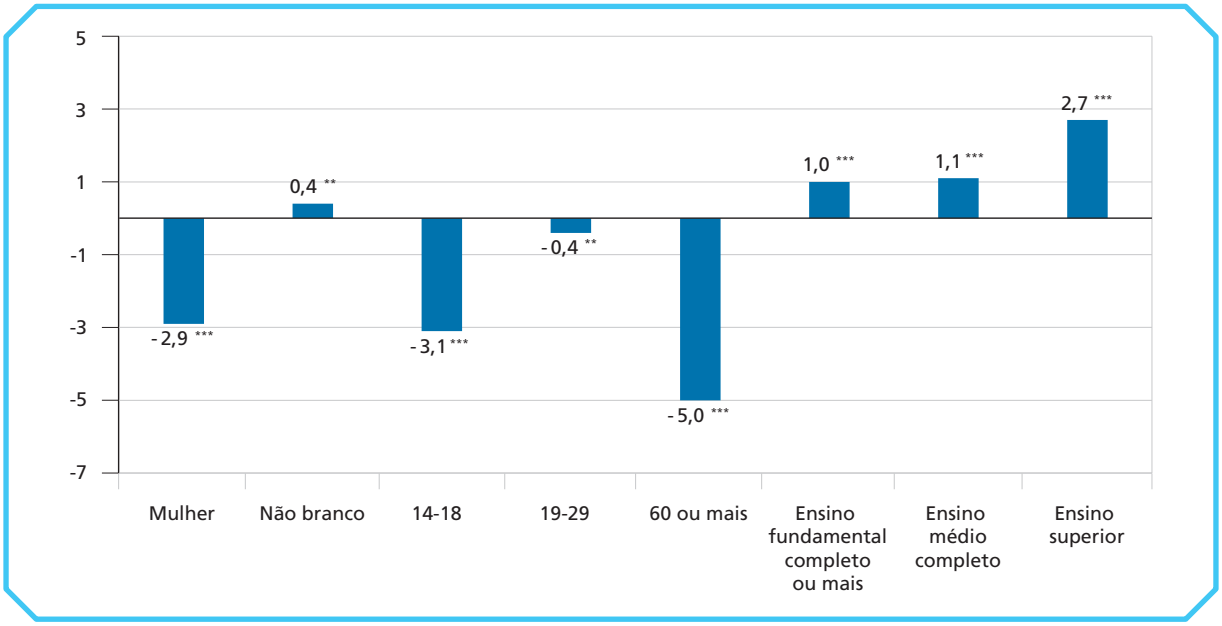
Na seção 4, foi visto ainda que, enquanto as mulheres apresentam uma menor probabilidade de sair de uma situação de inatividade ou desemprego para uma ocupação, os jovens e os negros possuem uma maior chance de realizar essa transição, pois são grupos com elevada rotatividade e inserção na informalidade. O que chama atenção em 2020 é a redução das chances de conseguir uma ocupação. Essa redução da porta de entrada ao emprego ocorreu de forma generalizada e afetou especialmente jovens, negros, e mulheres.

No gráfico 15, são apresentados os coeficientes marginais de um modelo *probit* para a probabilidade de se tornar ocupado no segundo trimestre entre aqueles que estavam inativos ou desempregados no primeiro de 2020. Além das variáveis que identificam sexo, raça/cor e idade, foi considerada a escolaridade. Observa-se que mulheres possuem cerca de 3 p.p. a menos em transitar para ocupação. Já os coeficientes marginais, associados a jovens entre 19 e 29 anos de idade e negros, possuem menor magnitude (aproximadamente 0,5 p.p.) e sinal negativo. Os indivíduos com ensino superior foram os que apresentaram maiores chances de conseguir um emprego (em torno de 2,7 p.p. acima).

Na tabela 2, os coeficientes marginais apresentados são oriundos de um modelo *probit* para a probabilidade de conseguir emprego do primeiro e do segundo trimestre a partir dos dados para o período 2012-2020. Na primeira linha, estão representados os coeficientes das *dummies* de 2012

a 2019, os quais, por serem positivos e significativos, refletem que nesses anos anteriores a chance de conseguir um emprego foi maior do que em 2020. Analogamente, a maioria dos coeficientes positivos e significativos para a interação das *dummies* de anos com a *dummy* que indica ser negro (terceira linha) ou com a *dummy* que indica jovens de 19 a 29 anos (oitava linha) significa que em 2020 foi ainda mais difícil para esses grupos conseguirem um emprego em relação aos respectivos grupos de comparação, mesmo ao controlar por escolaridade.

GRÁFICO 15
Coeficientes marginais da probabilidade de transição do desemprego ou inatividade para uma ocupação (2020)
(Em p.p.)



Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.
Elaboração dos autores.
Obs.: 1. ***p < 0,01, **p < 0,05, *p < 0,1.
2. Valores representam coeficientes marginais obtidos de um modelo *probit* para a probabilidade de entrar em uma ocupação entre o primeiro e o segundo trimestre do período 2012-2020. Para as variáveis de escolaridade e faixa etária, as categorias omitidas correspondem a ensino fundamental incompleto ou menos, e grupo etário de 30 a 59 anos, respectivamente. Número de observações equivale a 111.936, o que corresponde aos indivíduos inativos e desempregados no primeiro trimestre de 2020.

TABELA 2

Coeficientes marginais da probabilidade de transição do desemprego ou inatividade para uma ocupação (2012-2020)

Variáveis de interação	*Dummies* de cada ano (*probit* 2012-2020)							
	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
Sem interação	0.171 (0.010)***	0.147 (0.009)***	0.130 (0.009)***	0.118 (0.009)***	0.146 (0.009)***	0.131 (0.009)***	0.112 (0.009)***	0.126 (0.009)***
Mulher	-0.007 (0.004)*	-0.008 (0.004)**	-0.008 (0.004)**	-0.005 (0.004)	-0.007 (0.004)*	-0.003 (0.004)	-0.003 (0.004)	-0.004 (0.004)
Não branco	0.005 (0.004)	0.009 (0.005)*	0.020 (0.005)***	0.022 (0.005)***	0.012 (0.005)**	0.009 (0.005)**	0.015 (0.005)***	0.012 (0.005)***
Ensino fundamental completo ou mais	-0.019 (0.005)***	-0.014 (0.005)***	-0.017 (0.005)***	-0.013 (0.005)**	-0.010 (0.006)*	-0.003 (0.006)	-0.008 (0.006)	-0.003 (0.006)
Ensino médio completo	-0.005 (0.005)	0.001 (0.005)	-0.004 (0.005)	-0.009 (0.005)**	-0.002 (0.005)	0.001 (0.005)	-0.000 (0.005)	0.005 (0.005)
Ensino superior	-0.015 (0.007)**	-0.018 (0.007)***	-0.023 (0.007)***	-0.020 (0.007)***	-0.030 (0.006)***	-0.006 (0.007)	-0.014 (0.007)**	-0.012 (0.007)*
14-18	0.025 (0.008)***	0.022 (0.008)***	0.015 (0.008)*	0.010 (0.008)	-0.015 (0.006)**	-0.016 (0.006)**	-0.004 (0.007)	-0.012 (0.007)*
19-29	0.026 (0.006)***	0.033 (0.006)***	0.034 (0.006)***	0.025 (0.006)***	0.003 (0.005)	0.008 (0.006)	0.012 (0.006)**	0.007 (0.006)
60 ou mais	-0.012 (0.005)**	-0.002 (0.006)	-0.001 (0.006)	-0.002 (0.006)	-0.007 (0.005)	-0.012 (0.005)**	-0.004 (0.006)	-0.008 (0.005)

Fonte: Estimativas próprias baseadas na PNAD Contínua/IBGE.

Elaboração dos autores.

Obs.: 1. ***p < 0,01, **p < 0,05, *p < 0,1.

2. Valores representam coeficientes marginais obtidos de um modelo *probit* para a probabilidade de entrar em uma ocupação entre o primeiro e o segundo trimestre do período 2012-2020. Não estão apresentados coeficientes para as *dummies* sem interação com ano (sexo, raça/cor, escolaridade, idade). Para as variáveis de escolaridade e faixa etária, as categorias omitidas correspondem a ensino fundamental incompleto ou menos, e grupo etário de 30 a 59 anos, respectivamente. Número de observações equivale a 1.200.235, o que corresponde aos dados empilhados de 2012-2020.

Para as mulheres, metade dos coeficientes de interação das *dummies* de ano (segunda linha) é significativa e negativa e a outra metade não é significativa, o que reflete que, ao controlar por outras características, a desvantagem das mulheres em relação aos homens não teria sido ainda maior em 2020.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise de 2020 se reflete nos indicadores de mercado de trabalho de forma bastante intensa e atípica mesmo na comparação com o período da crise anterior em 2016. Neste estudo,

observa-se que as desigualdades em termos de sexo, raça/cor e idade nas taxas de participação, desemprego, ocupação e informalidade não se reduzem durante a crise. Assim, os grupos em desvantagem são os que apresentam os indicadores mais vulneráveis no momento da crise. Para alguns indicadores, observa-se até mesmo a ampliação do diferencial, como é o caso da taxa de ocupação por raça/cor e idade.

A diferença da crise de 2020 em relação à crise anterior, ocorrida em 2015-2016, se caracteriza não apenas por sua magnitude mas também pela intensa transição dos ocupados, não para o desemprego, e sim para a inatividade. Assim, apesar de ter sido observado um aumento da taxa de desemprego, foi a queda expressiva na taxa de participação que mais se sobressaiu na pandemia da Covid-19. Vale destacar ainda que, em 2020, não apenas a saída da condição de ocupado foi relevante, mas também a redução da entrada de indivíduos inativos e/ou desempregados em algum emprego teve seu papel na crise.

Como as mulheres já apresentam grande desvantagem nos indicadores de participação do mercado de trabalho e a desigualdade se manteve, sua situação ficou ainda mais exposta e a proporção de ocupadas entre o total de mulheres chegou a um patamar pouco abaixo de 40%. A diferença em relação aos homens significa um pouco menos de 20 p.p. Ao longo do período entre 2012 e 2019, as mulheres já mudam mais que os homens da situação de ocupada para inativa, e também possuem menor taxa de entrada nas ocupações. Em 2020, os reveses sofridos nesses indicadores mantiveram a elevada desigualdade.

Entre os negros e brancos, há diferenciais importantes na taxa de desemprego e na proporção de ocupados. Ambas as crises de 2016 e de 2020 contribuíram para um aumento desses diferenciais por cor/raça. Por exemplo, a diferença em p.p. na proporção de ocupados correspondia a 2,4 em 2015 e alcançou 5,3 em 2020. Isso resulta do fato de que tanto o aumento na transição para desemprego/inatividade quanto a redução na entrada para ocupação foram um pouco mais intensas entre os negros em 2020.

Em relação aos diferenciais por idade, vale destacar a comparação entre os grupos etários de 19 a 29 e 30 a 59 anos. Há relevantes diferenças no desemprego e na ocupação, e ocorreu elevação da desigualdade em ambas as crises. A proporção de ocupados entre os adultos era 7,3 p.p. acima dos jovens em 2015, diferença que se elevou para 12,3 em 2020. No ano da

pandemia, também chamou atenção o fato de que, para os jovens, a redução nas chances de conseguir um emprego ocorreu de forma mais intensa.

Em suma, a análise do período 2012-2020 indica que tanto na crise de 2016 quanto na de 2020 as desigualdades não sofreram redução e assim os piores indicadores ficaram associados aos grupos mais vulneráveis. Entre o primeiro e o segundo trimestre de 2020, a pandemia se refletiu em um intenso aumento nas chances de sair da condição de ocupado para inatividade e uma redução das chances de conseguir um emprego. Importante notar que mesmo ao se controlar por outras características pessoais (escolaridade) ou do posto de trabalho (setor de atividade, posição na ocupação etc.), as mulheres, os negros e os jovens possuem maiores chances de perder a ocupação – uma característica presente não apenas na crise de 2020. Tais movimentos levaram a taxa de ocupação a patamares sem precedentes no mercado de trabalho brasileiro em 2020.

Uma possível extensão deste estudo é considerar não apenas a entrada e saída do mercado de trabalho, e sim a entrada e saída dos mercados formais e informais. As evidências sugerem que a relativa maior importância do fluxo do emprego para o desemprego se deve à saída do emprego informal para o desemprego e que no setor formal o ajuste é mais forte nos fluxos de contratação, tanto do desemprego como da inatividade (Moreira, Foguel e Corseuil, 2020). Outra extensão relevante é investigar como as desigualdades por sexo, raça/cor e idade evoluíram ao longo da crise em 2020 e na possível retomada da economia.

REFERÊNCIAS

ADAMS-PRASSL, A. *et al.* **Inequality in the impact of the Coronavirus shock**: evidence from real time surveys. Bonn, Germany: IZA Institute of Labor Economics, 2020. (IZA Discussion Paper, n. 13183).

ALON, T. M. *et al.* **The impact of Covid-19 on gender equality**. Stanford, California: NBER Working Paper Series, 2020. (Working Paper, n. 26947).

CARVALHO, S. S. *et al*. **Análise das transições no mercado de trabalho brasileiro no período da Covid-19**. Brasília: Ipea, 2020 (Carta de Conjuntura, n. 49).

CORSEUIL, C. H.; FRANCA, M. Inserção dos jovens no mercado de trabalho em tempos de crise. **Mercado de Trabalho**: Conjuntura e Análise, ano 26, n. 70, p. 93-104, 2020.

CORSEUIL, C. H.; FRANCA, M.; POLOPONSKY, K. **Diagnóstico da inserção dos jovens brasileiros no mercado de trabalho em um contexto de crise e maior flexibilização**. Brasília: Ipea; OIT, 2020.

CORSEUIL, C. H.; FRANCA, M.; RAMOS, L. **A queda recente das taxas de ocupação e participação no mercado de trabalho e sua dinâmica**. Brasília: Ipea, 2020. (Carta de Conjuntura, n. 48).

GALASSO, V. *et al.* **Gender differences in Covid-19 related attitudes and behavior**: evidence from a panel survey in eight OECD countires. Stanford, California: NBER Working Paper Series, 2020. (Working Paper, n. 27359).

HECKSHER, M. **Mercado de trabalho**: a queda da segunda quinzena de março, aprofundada em abril. Brasília: Ipea, 2020. (Carta de Conjuntura, n. 47).

MOREIRA, A.; FOGUEL, M.; CORSEUIL, C. The ins and outs of unemployment over different time horizons. **Empirical Economics**, v. 60, 2020.

NUNES, D.; MENEZES-FILHO, N. A.; KOMATSU, B. Probabilidade de admissão e desligamento no mercado de trabalho brasileiro. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v. 46, n. 2, abr./jun. 2016.

PETROLONGO, B.; PISSARIDES, C. A. The ins and outs of european unemployment. **American Economic Review**: Papers & Proceedings, v. 98, n. 2, p. 256-262, 2008.

SHIMER, R. Reassessing the ins and outs of unemployment. **Review of Economic Dynamics**, v. 15, n. 2, p. 127-148, 2012.

SILVA, F. J. F.; PIRES, L. S. **Evolução do desemprego no Brasil no período 2003-2013**: análise através das probabilidades de transição. Brasília: Banco Central do Brasil, 2014. (Texto para Discussão, n. 349).

Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

EDITORIAL

Chefe do Editorial
Reginaldo da Silva Domingos

Supervisão
Carlos Henrique Santos Vianna

Revisão
Bruna Oliveira Ranquine da Rocha
Carlos Eduardo Gonçalves de Melo
Elaine Oliveira Couto
Lis Silva Hall
Mariana Silva de Lima
Marlon Magno Abreu de Carvalho
Vivian Barros Volotão Santos
Matheus Tojeiro da Silva (estagiário)
Rebeca Raimundo Cardoso dos Santos (estagiária)

Editoração
Aline Cristine Torres da Silva Martins
Mayana Mendes de Mattos
Mayara Barros da Mota (estagiária)

Capa
Aline Cristine Torres da Silva Martins

Projeto Gráfico
Aline Cristine Torres da Silva Martins

The manuscripts in languages other than Portuguese published herein have not been proofread.

Livraria Ipea
SBS – Quadra 1 - Bloco J - Ed. BNDES, Térreo.
70076-900 – Brasília – DF
Fone: (61) 2026-5336

Correio eletrônico: livraria@ipea.gov.br

Missão do Ipea

Aprimorar as políticas públicas essenciais ao desenvolvimento brasileiro por meio da produção e disseminação de conhecimentos e da assessoria ao Estado nas suas decisões estratégicas.

ISSN 1415-4765

ipea Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL